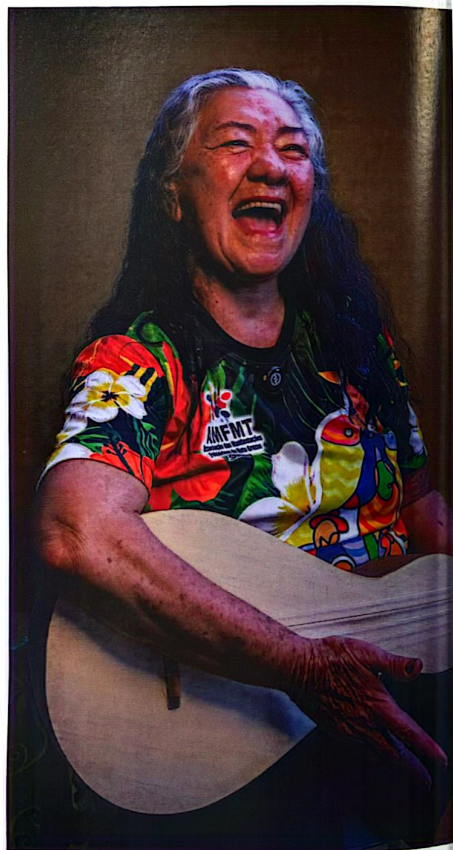




As guardiãs da viola de cocho

Mulheres perpetuam a tradição da Toada de Cururu em Mato Grosso

O Cururu e o Siriri, manifestações culturais das regiões do Pantanal e do cerrado brasileiro, associadas ao complexo poético-coreográfico do Modo de Fazer Viola de Cocho, são expressões vivas da alma das comunidades de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Esses gêneros estão intrinsecamente ligados à viola de cocho, o coração dessas celebrações.

No Cururu, o canto responsorial é a alma da festa. Enraizado em desafios poéticos, onde cantadores improvisam ou repetem versos conhecidos, a prática mistura devoção e arte. As letras, muitas vezes inspiradas em histórias de santos e passagens bíblicas, são cantadas em festas religiosas, como as de São Benedito, São Gonçalo e Santo Antônio. Nesses momentos, a comunidade se reúne para celebrar sua fé e para fortalecer os laços culturais que os unem. A viola de cocho, com seu ritmo cadenciado, sustenta as vozes em um diálogo musical entre o solista e o coro, criando um ambiente de reverência e conexão.

Já o Siriri é uma celebração da vida cotidiana, uma dança que transforma qualquer ocasião em festa. Ao som vibrante da viola de cocho, mocho e ganzá, os dançarinos - homens, mulheres e crianças -, formam rodas e fileiras, se movendo com um ritmo acelerado e coreografias simples, mas cheias de energia. O Siriri, ao contrário do Cururu, é predominantemente secular. Suas músicas falam de temas leves, como o dia a dia, a natureza e as relações humanas, refletindo o espírito alegre e comunitário das celebrações. É comum que o Siriri aconteça logo após as festividades do Cururu, marcando a transição da devoção para a pura alegria coletiva.

Fotos: Leandro Vinícius de Andrade @fabrica.onze

A importância cultural do Cururu e do Siriri está diretamente ligada à presença da viola de cocho. Sem esse instrumento, essas manifestações perderiam uma parte vital de sua essência. A sonoridade do instrumento define o caráter dessas músicas e danças e conecta as comunidades pantaneiras à sua identidade cultural, mantendo viva uma tradição que resiste ao tempo e às transformações da modernidade. Cada acorde, cada verso e cada passo são um testemunho da resiliência e da beleza dessas expressões culturais, que continuam a ecoar nas festas e nos corações das pessoas que as mantêm vivas.

Em 2005, o Modo de Fazer Viola de Cocho foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, e inscrito no Livro de Registro dos Saberes. Um reconhecimento que vai além do valor do instrumento em si, alcançando as raízes profundas das tradições pantaneiras e ceradeciras. O dossiê de registro (2009) documenta essa prática e mergulha na alma de comunidades que, por gerações, moldaram esse instrumento com as mãos e com o coração.

De acordo com Edilberto Fonseca, professor de Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisador do dossiê "Modo de Fazer Viola-de-Cocho", a origem do instrumento vem a partir de dois pesquisadores alemães, Karl von den Steinen e Max Schmidt, que estiveram no Brasil no início do século XX realizando pesquisas etnográficas no Centro-Oeste brasileiro e associaram as violas aos povos Guató e à população ribeirinha da região pantaneira.

"As informações que temos sobre as origens são essas, mas, na verdade, é algo difuso. Não existe um momento específico em que a viola-de-cocho foi criada, ela foi se adaptando por várias populações que interagiram naquela região desde o século XX até ganhar o formato que tem atualmente", diz.

O interesse de Edilberto pela viola de cocho começou em 2003, quando passou a trabalhar no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do IPHAN, popularmente conhecido como Museu de Folclore. Em 2000, o decreto 3551 de Patrimônio Imaterial, que regulamentou o registro de patrimônio do Brasil, levou o IPHAN a realizar uma série de pesquisas. Foi registrado o modo de fazer panela no Espírito Santo, o complexo do Boi no Maranhão, o modo de fazer acarajé, além do samba de roda na Bahia, que também já havia sido objeto

de pesquisa. "Fiquei de 2003 a 2010 participando de inúmeras pesquisas, mas a primeira e principal com a qual me identifiquei foi a da viola-de-cocho. Fui para Cuiabá e fiz toda a pesquisa etnográfica na região da Baixada Cuiabana", conta o pesquisador.

Na região, os pesquisadores sondaram os artesãos da viola-de-cocho e todas as manifestações que envolviam o instrumento, o que os levou a estudar seu uso no Cururu e no Siriri.

Tradição artesanal

Segundo o pesquisador, o processo do modo de fazer as violas-de-cocho envolve uma interação cuidadosa e respeitosa dos artesãos com a natureza. Antes da retirada da madeira para a confecção da viola, há toda uma preparação e, basicamente, duas madeiras são utilizadas: o sará e a ximbuva, árvores típicas da região pantaneira. Porém, outras espécies de madeiras com mangueira e jacote (se-riguela), já foram testadas e aprovadas pelos mestres artesãos de viola de cocho como sendo apropriadas para a confecção do instrumento.

"Essas madeiras precisam ser retiradas durante a lua minguante, pois, se forem cortadas na lua cheia, ficarão propensas a infestações, comprometendo sua qualidade. Os artesãos, por tradição, sabem exatamente qual é o tempo certo para a retirada das árvores, garantindo que a madeira seja adequada para o uso", explica.

O tempo é de figueira, uma madeira de qualidade especial. Ela é trabalhada no próprio local da retirada em um formato mais grosseiro para facilitar o transporte. Ali, já é feito um trabalho artesanal inicial, moldando a madeira de maneira mais bruta para se aproximar do formato da viola, mas ainda não no formato final. Depois, as peças são levadas para oficinas, que geralmente são os quintais das casas dos artesãos. "O cocho é a parte central da viola, que não é montada como um violão, com várias partes laterais e fundo. A viola de cocho, como o nome sugere, tem um formato que lembra um cocho, um local onde os animais se alimentam. O corpo da viola é totalmente escavado na própria madeira", acrescenta o professor.

A parte de trás e a paleta, onde as cordas passam, são feitas separadamente e, depois, coladas ao cocho. Eles usam cola de madeira para juntar a parte superior ao corpo da viola. Após a montagem, o acabamento é feito com lixamento até alcançar o formato final da viola que conhecemos.



legenda aqui

As cordas, que eram tradicionalmente feitas de tripa de bugio ou macaco, foram substituídas por cordas de nylon há muitos anos. "As fitas que ficam penduradas na ponta da viola são um símbolo de devoção. Elas geralmente são de cor escura e representam a devoção aos santos católicos, manifestada em vários momentos rituais ao longo do ano", diz.

Segundo o pesquisador, essa tradição está espalhada por toda a região da calha do Rio Paraguai até Cuiabá. A proximidade entre essas populações é grande devido à interação histórica entre elas, como migrações e casamentos, que facilitavam o contato entre os grupos. A pesquisa feita por Edilberto e equipe focou no Brasil e não incluiu o Paraguai, portanto, não há informações atualizadas sobre a situação atual nesses 20 anos após o dossiê. "Essa interação cultural é significativa na região. Embora nossa pesquisa não tenha abordado a parte fora do Brasil, a troca cultural é evidente e marcante. Na ocasião, estávamos concentrados na preservação do patrimônio imaterial brasileiro", esclarece.

Há 19 anos, o dossiê já alertava para as ameaças que pairavam sobre essa tradição. A diminuição do número de artesãos e a escassez de materiais tradicionais são riscos que colocam em xeque a continuidade dessa prática, além da competição com instrumentos industrializados, outra barreira que as comunidades precisam superar. Para isso, são propostas medidas de salvaguarda, como programas de formação de novos artesãos e eventos culturais que ajudem a manter viva a visibilidade do instrumento.

O reconhecimento de todas as manifestações que envolvem a viola de cocho, desde o modo de fazer até o uso, é uma responsabilidade que reafirma a importância de proteger a herança cultural e de incentivar políticas públicas que garantam sua preservação. O instrumento é a voz de uma região, de um povo que encontra no som de suas cordas a continuidade de sua história e de sua identidade. Preservá-la é garantir que essa voz nunca se cale.

Histórias de resistência e persistência

Em 2024, no âmbito das ações de salvaguarda do bem cultural, o Modo de Fazer Viola de Cocho foi o tema do vídeo documental produzido pelo IPHAN de Mato Grosso. A produção, intitulada *Modo de Fazer Viola de Cocho: os saberes dos Cururuciros*, contou com a parceria do Instituto ECCOS/Museu de História Natural de Mato Grosso e da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer (Secel/MT). O documentário foi exibido pela primeira vez no mês de julho, em Cáceres (MT), dentro da programação do Festival Internacional de Pesca Esportiva (Fipe), evento promovido pela Prefeitura Municipal de Cáceres.

O curta priorizou os artesãos mais antigos em atividade no ofício e um casal de cururuciros, com destaque para a cururueira Zilda da Silva, cuja trajetória foi marcada pela resistência. Ela foi uma das poucas mulheres a participar das rodas de cururu tradicionalmente ocupadas por homens.

A produção fez parte de um conjunto de ações propostas no Plano de Salvaguarda do Modo de Fazer Viola de Cocho, e contemplou, de modo mais preciso, dois pontos do plano: realizar exposições e apresentações com detentores, utilizando parceiros estratégicos com experiência na realização de eventos culturais locais, valorizar a história de vida dos detentores mais experientes e idosos e promover a transmissão de saberes por meio dos materiais produzidos.

No que diz respeito à política de licenciamento ambiental brasileira, o IPHAN é um órgão interveniente, o que significa que não tem o poder de embargar uma obra ou empreendimento diretamente. No entanto, ele pode avaliar se um projeto, baseado em pesquisa contratada, terá um impacto negativo ou positivo no bem cultural em questão. Em 2020, Francimário Vito dos Santos, antropólogo do Iphan/MT, recebeu alguns em-

"Elas cantam para perpetuar a toada dos seus ancestrais. Quem não possui, não tem problema, criamos aqui. Focamos nos santos e no empoderamento das mulheres. Estamos, inclusive, organizando uma toada que foca na importância de Nossa Senhora, que é uma mulher, mãe de Jesus e mãe de todos nós."

Celi Minas



legenda aqui

preendimentos por meio de relatórios que destacavam as mulheres por trás do cururu, especialmente, o trabalho da Dona Zilda. Esse material chegou em um momento oportuno e revelou a importância de preservar a essência do bem cultural sem descaracterizá-lo.

"O que me chamou mais a atenção foi a narrativa de resistência de Dona Zilda, que é extremamente forte e tocante. Sua história de não reconhecimento, mas persistência, mesmo em uma comunidade majoritariamente masculina, é inspiradora. Ela continuou lutando por seus princípios e levando seu trabalho a outros lugares. Quando surgiu a oportunidade de produzir o documentário, essa narrativa foi a principal motivação para seguir em frente".

As guardiãs

Iniciada em 1996 e formalizada em 2003, a Associação de Manifestações Folclóricas de Mato Grosso de Várzea Grande (AMFMT) tem uma missão clara: preservar e promover as tradições culturais matogrossenses, com destaque para a transmissão de saberes sobre a confecção da viola de cocho, o ganzá e o mocho, o Siriri, o Cururu, a Dança do Chorado e a Dança da Peneira. Enraizada na comunidade de Várzea Grande, a associação também leva suas ações para o interior do Estado.

No ano passado, a AMFMT deu início a um projeto concentrado em aulas de cururu para mulheres. O que começou com três alunas, hoje já conta com dez e a tendência é aumentar. "Eu e a professora Carmen Maria escrevemos um livro em que mapeamos os cururueiros de Várzea Grande. Quando fizemos as entrevistas, percebemos que tinham muitas mulheres envolvidas no Cururu, e que, muitas delas diziam não cantar por sentir vergonha ou medo de entrar na roda, pelo fato de só existir homens nesse meio. Então eu sugeri as aulas", conta Celi Minas Nova, professora de história, mestre em ciências da educação e uma das fundadoras da associação.

Celi, que vive na comunidade há mais de 20 anos, trabalha incansavelmente para fortalecer a presença feminina no Cururu e Siriri. Todas as quintas-feiras de manhã as mulheres se reúnem, se apoiando mutuamente. "Aqui é uma apoiando a outra e o meu trabalho é incentivar, porque eu acredito que um povo sem cultura e que não mantém as suas tradições, perde a sua identidade. Se antes as mulheres eram impedidas de fazer tantas coisas, hoje nós vamos aonde a gente quer para também ser um exemplo para as meninas".

A neta de Celi, Valeska, toca mocho, um instrumento também tradicionalmente masculino. "Ela diz: 'vô, eu toco mocho, porque eu vi a professora Cecília tocando'".

Entre as cururueiras que conversaram virtualmente com a *Revista Memorial Cultural*, se destacam figuras como Dona Sinhá, filha de um dos maiores cururueiros do Mato Grosso, e Dona Antônia, que ensina a viola de cocho. Dona Antônia lembra dos tempos em que apenas homens tocavam, mas hoje se sente realizada. "Agora está acabando um pouco dos preconceitos. Eu toco e canto desde os meus 7 anos. Faz 60 anos essa caminhada. Hoje eu fico agradecida e feliz por estar à frente dessa cultura".

Dona Ana, que possui a viola de seu falecido pai, Antonio Miguel de Figueiredo, não falta a nenhuma aula. Cecília, professora e historiadora, está na AMFMT há sete anos e trabalha com crianças, garantindo a continuidade da cultura. Célia, uma das coordenadoras do projeto que apoia as mulheres, distribui cópias das letras das canções.

As músicas, muitas vezes passadas de geração em geração, são um ponto central do trabalho da AMFMT. "Elas cantam para perpetuar a toada dos seus ancestrais. Quem não possui, não tem problema, criamos aqui. Focamos nos santos e no empoderamento das mulheres. Estamos, inclusive, organizando uma toada que foca na importância de Nossa Senhora, que é uma mulher, mãe de Jesus e mãe de todos nós", explica Celi.

A timidez de dona Ilda não esconde sua felicidade em fazer parte do grupo. "Agradeço sempre pela paciência na hora de ensinar", diz ela. Dona Nilza, natural do Paraná e que voltou para Várzea Grande após 14 anos longe, também integra o grupo com bastante alegria. "Ninguém da minha família toca, eu fui convidada pela Celi e estou aqui. Gosto muito da cultura deste lugar".

Quando questionadas sobre o medo e a vergonha iniciais, Dona Sinhá responde prontamente. "Quando a gente entra na roda, alguns homens ainda olham de lado, debocham uns com os outros e alguns até criticam. Fazem gestos desmerecendo nossa roda. Mas nós seguimos. Se Deus quiser, vamos tocar no Mato Grosso inteiro. Nós temos coragem e vontade. Ninguém me pega. Eu vou. Eu sei do meu trabalho".

Durante as apresentações, as alunas se juntam aos cururueiros formando um grupo. Uma das orientações passadas a elas é clara: usar saia, vestido bonito e colocar uma flor no cabelo para marcar presença. A professora sempre reforça: "fiquem sempre juntas. Quando nos apresentamos, permanecemos unidas, apoiando umas às outras. Se alguém nos olhar de maneira atravessada, erguemos a cabeça e seguimos em frente", finaliza. •



Texto por:
Isabella Vilela
Jornalista, pós-graduada em Jornalismo Cultural e de Entretenimento com foco em diversidade, narrativas imersivas e análise crítica.